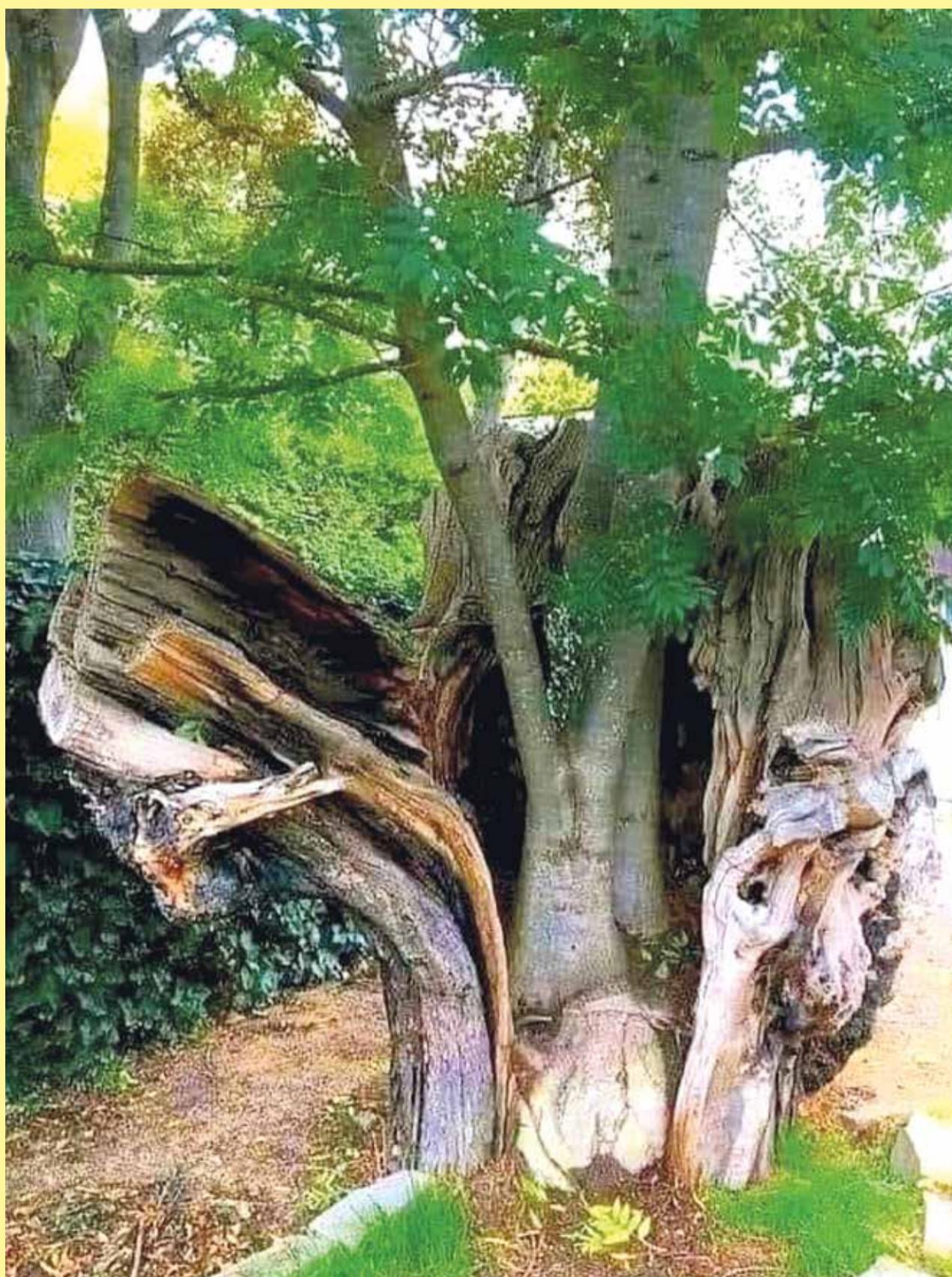


Natal e Ano Novo em tempos de pandemia



Lição da árvore: Vida nova a partir da força das vidas que já foram.

Foto de Guy Krettels - Uma lição de vida dada por uma árvore. Localizada em Liège/Luik, Bélgica.

Desejamos

Que cada ser humano se conscientize que a tua estrada é somente tua.

Outros podem acompanhar-te, mas somente você percorrerá o seu caminho.

Que em 2021, aprendamos a lição da árvore. E assim, possamos renascer de dentro para fora, com a força das raízes bem fincadas no essencial de nossa própria existência.

Vencedor do Global Teacher Prize partilha US\$ 500 mil



o anúncio do vencedor foi feito em um evento virtual a partir do Museu de História Natural de Londres, na Inglaterra

Entre as iniciativas que lhe renderam o prêmio, o professor Ranjitsinh Disale, conquistou às famílias para valorizar a escola, pois estudar não era prioridade na localidade.

Para viabilizar a aprendizagem no ritmo individual na Escola Primária Zilla Parishad, Paritewadi, Solapur, Maharashtra, Índia, implantou QR Code, nos livros didáticos que também foram traduzidos para a língua local. Sua iniciativa foi multiplicada pelas autoridades educacionais, para os materiais didáticos de todo o país.

Lela mais nas págs. 6 e 7

Passadas as eleições voltamos ao isolamento

No dia seguinte à divulgação do resultado das eleições, os brasileiros voltaram a ouvir as notícias dos números crescentes de infectados, doentes e mortos por COVID-19. Com os hospitais e UTIs lotadas, a impressão que ficou é que, a onda vem como ar. De nada adiantou tentar desviar a atenção dos números que crescem sem parar nos demais continentes desde o início de novembro. A onda chegou arrasando famílias às vésperas do Natal.

Apesar dos pedidos e solicitações constantes dos políticos candidatos, mais de 1/3 dos brasileiros sequer foi às urnas. O recado das urnas já deveria ser suficiente para o governo de Bolsonaro mudar sua estratégia em relação à pandemia. Mas não, o próprio presidente preferiu iniciar uma campanha plagiada de Donald Trump, presidente perdedor nas eleições americanas, para ele haveria fraude nas eleições brasileiras. Assim como Trump, ele perdeu credibilidade e o respeito da população.

E para agravar ainda mais, ao tentar desviar a atenção das medidas tomadas por seu principal rival nas eleições de 2022, o governador de São Paulo João Doria, o presidente começou um movimento político na Anvisa para que a vacina desenvolvida e produzida no Brasil, pelo Instituto Butantã, tivesse seu registro negado ou pelo menos, postergado o maior tempo possível.

As manobras do presidente que sequer conseguiu fundar um partido político, o que comprova a queda de sua força política, incluí a tentativa de manter, inconstitucionalmente, seus aliados na presidência da Câmara dos Deputados e do Senado. É óbvio que esta foi apenas mais uma estratégia para desviar a atenção da população para o fato do Ministério da Saúde, por razões políticas partidárias, não ter nenhum cronograma de vacinação dos brasileiros, enquanto países europeus já começaram a vacinar em massa sua população, no início de dezembro.

É, no mínimo contraditório, que o país, cuja população participou de praticamente todas as fases de testes de vacinas, ficar de fora do benefício destas por absoluta incompetência do governo federal que sempre foi o responsável pelas políticas, logística e distribuição das vacinas para todo o país.

Mas como nada é por acaso, a falsa denúncia de fraude nas eleições, cujos maiores derrotados foram os partidos políticos tradicionais, deixaram à mostra, mais uma vez, que não há interesse algum do governo federal em combater verdadeiramente a pandemia. Agora que já está provado, que a "imunidade de rebanho" jamais acontecerá. Há centenas de mortes na segunda infecção comprovadas em todo o mundo.

No calor da disputa eleitoral, e na esteira da liberação de aulas presenciais (mesmo que para 30% dos estudantes), de bares e restaurantes, de eventos de pequeno porte e religiosos, os jovens agora são os principais portadores do vírus. A quantidade de assintomáticos aumentou em todas as testagens e, assim como na Europa, são eles as principais vítimas desta nova onda de doentes e mortos pela Covid-19.

Tudo isso reforça a tese de que impor leis com multas para pessoa jurídica e não para a pessoa física, como é o caso do Brasil, só faz agravar os problemas. Ao impor que as empresas e não os brasileiros, façam cumprir as leis de distanciamento social e uso de máscaras, o que só pode ser feito pela pessoa e nunca pela empresa, posterga a conscientização para o momento em que as pessoas começarem a enterrar seus próprios mortos (familiares e amigos).

Somente as pessoas podem ficar em casa, manter o distanciamento social, levar consigo e usar álcool gel e máscaras sempre que sair de casa ou mesmo em casa caso conviva com um doente.

Então é Natal. Neste tempo em que todos querem estar próximos da família e planejar 2021, usar máscara 100% do tempo, pode ser a única alternativa. Está mais do que na hora de cada brasileiro assumir sua parte (e só a sua) no

combate à transmissão do vírus. Antes de precisar enterrar seus mortos.

Ao visitar outras casas é prudente trocar de roupa antes de sair de casa, levar uma máscara limpa e higienizar até o cotovelo com álcool. Deixar o calçado logo na entrada (ou fora), é outra atitude prudente. Cada casa, deve manter o "cantinho sujo". Nele os calçados devem ser higienizados com uma solução de água sanitária + bicarbonato de sódio + álcool e vinagre de álcool.

Bochechar três vezes ao dia com uma solução de bicarbonato de sódio (1 colher de chá em 1/2 copo d'água) é uma das mais eficazes maneiras de prevenir a transmissão, especialmente para os assintomáticos. Afinal, não há placa identificando pessoa e ou local contaminado ou contaminante.

Cidadãos comuns em todo o mundo, podemos dar nossa contribuição mantendo o distanciamento social. Você quer entrar nessa corrente do bem? Então faça a sua parte para que em 2021 estejamos aqui comemorando a passagem de mais um ano. Em paz, com saúde e na beira da praia assistindo os fogos, abraçados aos amigos.

O desafio é esquecer sua tendência política e lembrar que a sua vida, a minha vida é a única coisa que realmente conta. Bora lá?!?!

Uma mudança positiva para o ingresso no Ensino Superior

Por Paulo Landim*

Um novo modelo de ingresso no Ensino Superior começará a ser implantado a partir de 2021. A novidade é o Enem seriado, que será aplicado em todos os alunos das redes pública e privada a cada ano do Ensino Médio. O método passará a utilizar a soma do desempenho das provas dos três anos para compor uma nota final, que permitirá ao estudante tentar uma vaga nas universidades.

Na prática, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) está reformulando o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que hoje testa os jovens a cada dois anos do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio. A partir de 2023, o novo SAEB será o principal formato de ingresso no Ensino Superior, pois as provas serão utilizadas para inscrições no Prouni e no Fies, além de servir para o ingresso em instituições de ensino públicas, assim como hoje acontece com o Enem.

A mudança vai ao encontro de nova cultura educacional, baseada na mensuração de desempenho e no uso de dados

para guiar o processo de ensino e aprendizagem. A nova avaliação aumenta a importância do conhecimento adquirido durante todo o Ensino Médio e cria uma cultura de estudo de longo prazo. No modelo atual, a atenção aos estudos focados nos vestibulares se concentra no encerramento do Ensino Médio. Com o Enem seriado, toda a comunidade escolar terá de discutir e priorizar, sempre, o desempenho dos alunos, pois um resultado ruim no primeiro 1º do Ensino Médio pode prejudicar o planejamento dos anos seguintes.

As provas seriadas irão incorporar a nova Base Nacional Curricular Comum, com avaliação padronizada e resultados que poderão ser comparados ano a ano e entre escolas. O novo SAEB terá como foco a análise de cada aluno, permitindo um acompanhamento mais próximo para professores, alunos e familiares. Será possível planejar intervenções pedagógicas com mais agilidade e com um melhor embasamento. Com o Enem seriado, uma boa perspectiva surge no horizonte da educação.

* Paulo Landim é Diretor do Grupo Fleming



Só existirá uma democracia no Brasil no dia em que se montar a máquina que prepara as democracias.

(Anísio Teixeira)

No presente *annus horribilis* global, a pandemia do Corona vírus e as manifestações sociais em reação aos brutais assassinatos de George Floyd nos EUA e de João Alberto no Brasil escancaram a desigualdade dos afrodescendentes. Esses dois processos sociais colocam de relevo, de forma incisiva, os conceitos de lugar de fala e de racismo estrutural.

ESCOLAS PÚBLICAS IMPORTAM

No Brasil, país vergonhosamente desigual, o confinamento da pandemia deu visibilidade aos grupos socialmente vulneráveis, que Pierre Bourdieu chamou "a miséria do mundo", formado por maioria de afrodescendentes.

O isolamento social em comunidades de favela é praticamente inviável porque seus habitantes vivem em casas ou casebres pequenos e precisam trabalhar cotidianamente para sobreviver.

O fosso de classe fica ainda mais explícito em relação ao ensino remoto porque os filhos das famílias socialmente despossuídas não contam com computadores, internet estável e ambiente cultural adequado que as classes médias e as elites têm.

O movimento ativista Black Lives Matter explodiu após a morte de George Floyd, provocando protestos capilares nos EUA e no mundo. A afirmação "eu não consigo respirar" dita pelo afro-americano antes de ser morto pelo joelho de um policial branco, reverberou para uma leitura sociológica, indicando o tratamento

assimétrico entre brancos e negros.

Mutatis mutandis isso se verificou na truculência paleolítica sofrida por João Alberto no Carrefour de Porto Alegre. As desigualdades sociais de afrodescendentes norte-americanos e brasileiros são também desigualdades escolares porque o percurso em instituições formais de educação joga um papel decisivo nas trajetórias sociais.

Apesar da atitude negacionista em relação ao racismo verbalizada pelo vice-presidente e repetida pelo primeiro mandatário da nossa república, tanto os EUA como o Brasil têm uma

história de longuíssima duração de escravidão e, a partir de Lei Áurea, mais de um século de exclusão social dos afrodescendentes.

Os dois maiores países do nosso continente apresentam racismo na sua formação social, mas as sociedades norte-americana e brasileira têm diferenças culturais marcantes – incluindo os preconceitos. Os processos de tempos longos demoram mais para serem desconstruídos, mas é preciso que o racismo estrutural no Brasil seja derrubado como as estátuas de escravistas que tombaram neste ano, provocadas pela onda Black Lives Matter.

Enfim, há várias frentes do enfrentamento do racismo estrutural. No sistema educacional, acredito que as escolas públicas podem ajudar a reverter as desigualdades sociais e étnico-raciais gritantes na sociedade brasileira mediante a sua reinvenção pedagógica e o estabelecimento de uma carreira atraente para seus professores. Ou seja, para materializar nossa democracia social, escolas públicas importam!

Professor do Centro de Ensino a Distância (CEAD) da UDESC e autor de "Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação - Florianópolis, 1947-1963" (Editora Dois por Quatro, 2017). E-mail: norbertodallabrida@gmail.com

OPINIÃO DO LEITOR

Por Maira Mariano*

Respostas antigas para uma nova pergunta: O que será da Educação após a pandemia?

Desde o início do isolamento decorrente da pandemia do novo coronavírus, em março deste ano, o debate sobre as possíveis transformações na Educação destaca-se não só no noticiário, mas nas conversas diárias entre especialistas, não especialistas, pais e alunos. Com a recente retomada das aulas presenciais em algumas cidades do estado de São Paulo e a provável reabertura da totalidade das escolas e universidades já no próximo mês, ainda pairam questionamentos que buscam responder à seguinte questão: o que será da Educação daqui pra frente?

É inegável que o cenário atual nos faz refletir sobre o paradigma da educação brasileira. Diversos estudos e pesquisas que há algum tempo já apontavam para a superação das aulas integralmente expositivas, a necessidade de incorporação de recursos tecnológicos digitais, a renovação de abordagens pedagógicas e uso de diferentes metodologias de ensino, estiveram presentes em formações online para docentes e gestores, seminários, cursos de extensão ou aulas abertas neste momento. Essa oferta revelou a urgência de adotarmos na prática o que já se discute há décadas na teoria.

Algumas experiências, tanto no ensino público quanto no privado, de mudanças pedagógicas e metodológicas apresentaram bons resultados no processo ensino-aprendizagem. Assim, compreender quais foram essas mudanças talvez nos traga a resposta que esperamos sobre o futuro da educação no Brasil. Não há fórmula má-

gica, há pesquisa, estudo e investimento. A suspensão das aulas presenciais fez com que as instituições aderissem ao ensino remoto. Na prática, o que se viu foram professores sem preparo para lidar com as ferramentas digitais, alunos e docentes sem equipamentos como notebook ou celular, acesso à internet banda larga ou mesmo a pacote de dados, insuficientes para o acompanhamento das aulas, quadro decorrente da desigualdade social. Naquelas em que foi possível contar com estes recursos, os educadores buscaram alternativas para poder cumprir o planejamento letivo.

Sem dúvida, o ano foi de muitas perdas, na saúde, na economia, no meio ambiente, na cultura e na educação. Em meio a esse cenário negativo, porém, as demandas exigiram alternativas e, muitas destas, talvez permaneçam no campo educacional. Uma que possivelmente será adotada por instituições de ensino superior é o ensino híbrido. Já presente em algumas universidades, o ensino híbrido se caracteriza por aulas em que uma parte do conteúdo é apresentada de forma virtual- por meio de plataformas de aprendizagem- e a outra é discutida presencialmente com mediação do professor. A sala de aula invertida também é uma metodologia que exige essa alternância entre o presencial e digital. Idealizador do método, Jonathan Bergmann propõe um modelo em que o espaço físico da sala de aula sirva para que o professor estimule os alunos a discutir e aplicar o conhecimento estudado em casa no dia anterior, por meio de vídeos ou leituras, por exemplo.

As diferentes metodologias- sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas ou projetos, gamificação, design thinking- têm em comum uma abordagem pedagógica que propicia ao aluno um papel ativo no processo ensino-aprendizagem, que o estimula a ser protagonista da sua trajetória escolar e acadêmica, além de autônomo na busca pelo conhecimento. Independentemente da metodologia adotada, o docente se mantém como fundamental nesse processo, como mediador do conhecimento. Isso significa eleger a prática dialógica como norteadora do processo ensino-aprendizagem e responsável pela sustentação da relação professor-aluno.

Assim sendo, a resposta que buscamos para a pergunta "O que será da Educação após a pandemia?" já está respondida, basta nos aproximarmos do que já propuseram educadores e pesquisadores como Paulo Freire, David Bohm, Martin Buber, e nos regermos pelo princípio dialógico. Se antes nós, professores, acreditávamos que bastava o conhecimento da matéria para se dar uma boa aula, hoje, com a internet, e todo conteúdo à disposição dos alunos, isso definitivamente deve ser repensado. Nossa função é problematizar, dialogar, promover a reflexão, visando a uma ação transformadora de todos: professores, alunos, pais, enfim, de toda a sociedade.

Por Maira Mariano, pesquisadora e docente das áreas de Comunicação e Letras da Universidade São Judas

EXPEDIENTE

JE

Ano XXXIV - Nº 333
Dezembro de 2020

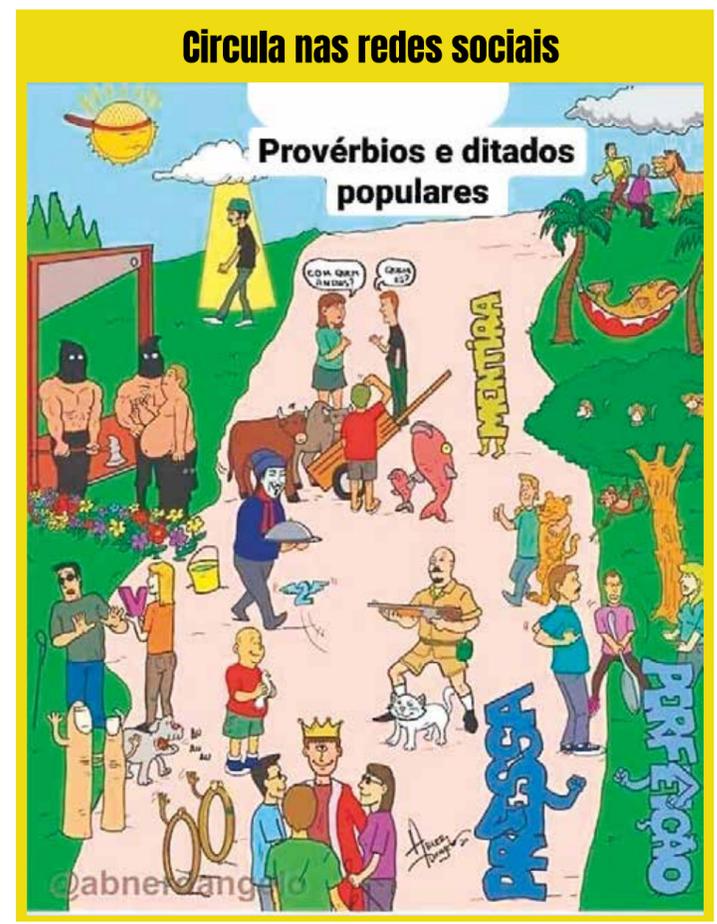
Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: Grafimorte
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores



Neste momento, vivemos a segunda onda da pandemia de COVID-19, com aumento de casos em quase todos os estados, principalmente no Sul do Brasil. Enquanto se cogita a volta às aulas presenciais, mesmo com o número crescente de casos e com a fragilidade e incertezas dos protocolos de segurança a serem cumpridos pelas escolas, os professores seguem fazendo das tripas coração para trabalharem os conteúdos de forma remota.

Poucas famílias querem que seus filhos voltem ao ambiente escolar durante a pandemia. Em geral, os pais que querem seus filhos de volta à escola pertencem a um grupo que minimiza a pandemia e os efeitos do vírus, transformando um problema de saúde pública num problema político-ideológico. Eu, particularmente, acho o ensino domiciliar uma excrecência de paranóicos, antissociais e pessoas excludentes.

Mas, paradoxalmente, sou a favor de um novo modelo que poderá vir a ser implantado no mundo todo, que inclui o ensino domiciliar parcial mesclado com o presencial.

O NOVO NORMAL NA EDUCAÇÃO: A ESCOLA FORA DA ESCOLA

O novo normal trará mudanças de atitudes nas pessoas, embora a única atitude que vemos da maioria da sociedade é a falta de cuidados no distanciamento social e o desprezo pelo uso das máscaras, mas isso se deve a ignorância do povo e do modelo de negação da doença por parte de políticos populistas.

Dentre as mudanças em curso está uma nova dinâmica na forma de lidarmos com o processo de aprendizagem. Os educadores foram forçados a inserirem a Informática em suas aulas, em buscarmos mais interatividade com o aluno e com o conteúdo. Finalmente!! A internet já tem 25 anos e praticamente era uma desconhecida do universo da maioria dos professores, principalmente nas escolas públicas. Sem contar que ainda usamos pouco e muito mal a rede mundial e seu conteúdo: sobra informação inútil e futilidades e falta transformar os dados em conhecimento útil em nossas vidas.

Os alunos estão aprendendo a usar as ferramentas da Informática para além de jogos e redes sociais, tendo de construir conteúdos, fazer pesquisas, participarem de atividades online, fazerem reuniões em grupos virtuais. Aqueles que não tinham o hábito de assistirem complementos das aulas no YouTube (onde os alunos dizem que as explicações são mais claras, mais didáticas) nem de frequen-

tar as plataformas virtuais (quase toda rede particular tem, mas com atividades pouco interessantes ou pouco exploradas), viram-se obrigados a buscar novas formas de entender o conteúdo.

Os professores tiveram de reaprender a ensinar, agora com ferramentas e materiais didáticos diferentes e dinâmicos, mas ainda usam poucos recursos. Ainda tem muito professor que acha que ensino remoto é só falar para a câmera! Claro, pesquisar e criar conteúdos interativos cansa. Isso mudará, com a aquisição de habilidades na construção das alternativas, pois ainda engatinhamos no uso útil da internet para nosso desenvolvimento.

A nova onda que virá, por efeito da pandemia, é um ensino híbrido entre aulas online e aulas presenciais. Serão menos dias por semana na escola, para atividades complementares. É a tendência: mesclar aulas online com conteúdos aprimorados, com vídeos editados previamente com conteúdo interativo, cheios de links, de vídeos mais didáticos, explicações dinâmicas, exercícios online, dinâmicas e games fazendo parte do desenvolvimento do raciocínio e da forma

de ensinar, atraindo a atenção dos alunos. Até porque se for para ensinar conteúdos remotos assim, somente com os professores falando para a câmera, mas mantendo o blábláblá, é melhor mandar que estudem o conteúdo pesquisando sozinhos. E sim, os alunos veem explicações longas como blábláblá! Não serve mais para esta geração! E os alunos não vão mudar, quem deve mudar a didática e caçar o interesse é, sim, o professor.

As aulas presenciais tenderão a ser para atividades esportivas e culturais, para dinâmicas de grupo, para debates e atividades de interação, creio que duas vezes por semana, no máximo. Assim, além de manterem a socialização, diminuirá a praga da indisciplina (fruto de aulas desinteressantes, de famílias sem a devida estrutura e filhos sem a orientação), elevará a segurança, poderemos ter grupos menores dia a dia, enfim, novas oportunidades surgirão.

Mas um fato é inequívoco: a tendência é que as crianças estudem mais em casa e interajam mais nas escolas, como deveria ser desde o início da educação formal. Um novo normal, porque a escola verdadeira é aquela que dá conta de equilibrar o sujeito fora da escola, na vida. E foi um vírus desgraçado que teve de vir para descobriremos isso...

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura.
E-mail: psicogilmar@gmail.com @psicogilmar
facebook.com/psicogilmar

Escolas devem estar atentas à saúde mental dos professores

A psicóloga e consultora educacional Carla Jarlicht alerta que as mudanças impostas pela pandemia na rotina dos professores podem afetar a saúde mental desses profissionais. Ela acrescenta ainda que é preciso analisar diariamente, num contexto de normalidade, quais problemas costumam afetar a saúde mental dos professores? Acrescente-se à análise, e em época de pandemia?

A rotina diária de um professor é bastante desafiadora, e por vezes, exaustiva. Os profissionais, especialmente os que atuam em escolas públicas, enfrenta toda sorte de desafios desde a falta de estrutura aos baixos salários, carga horária excessiva e até falta de segurança nas escolas e de suporte.

O trabalho do professor jamais se encerra juntamente com a aula e começa meses, antes de bater o sinal de entrada, quando começa o planejamento e preparação do conteúdo. E em tempo que em que além de reinventar-se para dar aulas remotas, atenderá simultaneamente, um grupo de alunos na sala de aula e outro em casa, o ensino híbrido não há como prever.

Há ainda as tarefas de planejamento, verificação de materiais dos alunos e pesquisa realizados em casa, depois do horário de trabalho. Para além disso, há o vínculo afetivo construído com seus alunos. Apesar desse vínculo ser desejável e, muitas vezes, condição para a aprendizagem, ele pode ser também mais um ingrediente de pressão. Quando o professor não encontra parceria seja com o aluno, seja com a família ou com os demais profissionais da escola a pressão é ainda maior.

Esse conjunto de fatores pode afetar a saúde mental dos professores que se sentem (e são) extremamente exigidos pela sociedade, pela escola, pelas famílias, pelos próprios alunos e por si mesmos, que querem realizar um trabalho de qualidade. Caso esses excessos não venham acompanhados de um suporte consistente da escola (gestores e coordenadores) podem tornar-se extremamente pesados, acarretando problemas de saúde como estresse e depressão etc

Mudanças repentinas geram estresse

Com a mudança repentina para as aulas remotas e a necessidade de lidar com um cenário totalmente novo e com novas tecnologias, muitos professores sentiram piora na saúde mental. Por que isso acontece? Que fatores dessa nova realidade afetam o emocional e psicológico desses profissionais?

Tudo que é novo desacomoda e inquieta até se tornar conhecido. E devido à pandemia tudo teve que acontecer sem muito planejamento, o que gera ainda mais desconforto. Somada à todas as questões desafiadoras próprias da atividade profissional, os professores tiveram que dar conta também de uma mudança drástica na sua prática.

A maioria sequer havia recebido formação para trabalhar remotamente. Muitos sequer tinham acesso à internet de qualida-



de e as ferramentas necessárias. Tudo isso contribuiu para o aumento do estresse. E para além de todas as mudanças ocorridas, há ainda os temores pessoais, novas precauções e lutos trazidos pela pandemia.

A sala de aula passou a acontecer na casa de cada um, com muitas diferenças quanto à recepção e à percepção de cada aluno (e suas famílias) quanto ao novo modo de trabalho. Foram (e são ainda) muitos os questionamentos que vão da estrutura do trabalho remoto em si, à dúvida sobre a eficácia da aprendizagem do aluno, passando pela necessidade da parceria das famílias e do apoio da escola e pela qualidade do próprio trabalho que está sendo realizado.

Um acrobata do equilíbrio

Imagine que o professor é aquele acrobata que roda vários pratos ao mesmo tempo. Todos estão ao seu alcance e nenhum deles pode cair. Todos são bem diferentes uns dos outros. Se essa situação já provoca uma certa ansiedade, imagine se, de repente, surge um obstáculo entre ele e os pratos.

Os níveis de ansiedade e de tensão aumentam. Tudo isso pode gerar mais ansiedade, angústia, fadiga mental, principalmente, quando o professor não encontra o apoio necessário.

Acrescenta-se o fato de estarem se sentindo inseguros, como aliás todos os seres humanos, em relação à sua saúde e a de seus familiares e pessoas próximas.

Em muitos locais, o ensino remoto migrou para o ensino híbrido, no qual os professores precisam dar aulas presenciais e continuar dando aula remota. Essa nova mudança afetar os professores. Todas essas mudanças são ainda muito recentes, mas parece que o conceito de ensino híbrido vem sendo mal compreendido.

Há maneiras diferentes de Ensino híbrido, a combinação entre atividades no presencial em sala de aula, com o modo online. Neste, as tecnologias digitais são ferramentas empregadas para enriquecer o ensino (e não necessariamente o aluno está fora da escola).

Uma vez que nem todos os alunos estarão presentes na escola, é possível que o professor precise elaborar um planejamento diferenciado para o grupo que estiver em casa, a menos que esse grupo usufrua das aulas presenciais sincronicamente, como acontece naquelas em que foi implantado o ensino on line, com câmeras diretamente na sala de aula.

De uma maneira ou de outra, existe aí uma mudança radical em relação à proposta de ensino tradicional e tudo caminha cada

vez mais para que o ensino seja personalizado.

Como toda e qualquer mudança é preciso tempo, paciência e investimento na formação do professor para que ele possa abraçar esse novo lugar com propriedade e confiança. E esse processo é sempre trabalhoso, podendo ser também estressante caso o professor não tenha apoio necessário.

A escola, que por sua vez, necessitará investir no diálogo com seu corpo docente para

Dicas para os professores prevenirem sua saúde mental e lidar melhor com esse período

A pandemia abalou três necessidades básicas do ser humano: a **pertença** (relacionado aos vínculos afetivos, a importância de se sentir compreendido), a **competência** (relacionada à capacidade de estar no controle) e a **autonomia** (relacionado a nossa capacidade de tomar decisões tendo em vista as consequências).

Portanto, é preciso estar atento/a a esses aspectos em especial porque eles vão reverberar nas nossas formas de pensar, sentir e agir. É necessário observar os sinais de cansaço, irritação, ansiedade e tristeza.

Sempre que algum sentimento impede aquilo que precisamos realizar, é preciso ligar o sinal de alerta. Respirar, falar sobre o assunto que aperta o peito e buscar ajuda especializada podem ser alguns caminhos.

Os professores ocupam um lugar de extremo valor dentro da sociedade que, apesar de pouco reconhecido e valorizado atualmente, é de bastante responsabilidade e extremamente exigido.

E, vivemos um momento em que todos os olhares se voltam para eles, como se estivesse apenas nas suas mãos a solução para os problemas gerados pela pandemia.

Para não cair na cilada do herói, é importante que os professores entendam que são primeiramente humanos e que por isso, podem direcionar para si mesmos o olhar generoso que direcionam para os seus alunos, respeitando assim, os seus próprios limites.

Computador, câmera, lousa digital, aparelhos de som e acompanhamento on line da equipe de TI são algumas das ferramentas disponíveis para a professora Viviane Louise Dill, lecionadora as aulas híbridas ao 2º Ano, no Colégio Santos Anjos, de Joinville. Desde o início da pandemia ela se reinventa diariamente, porque para ela, "lecionar é encantar".

que juntos possam alinhar expectativas e pensar em outras estratégias para essa nova etapa escolar contemplando o bem-estar de todos, especialmente dos professores, pois são eles que estão na linha de frente.



Na última edição ao falar sobre as eleições americanas mencionei a existência de repúblicas com eleições durante a Idade Média e a Idade Moderna (época dos reis, palácios, navegações, etc). Certamente esse era um assunto que merecia um artigo a parte. Portanto vamos a novas informações.

Não há como negar a importância dos Estados Unidos e da revolução francesa para a volta do sistema republicano de governo (surgido em Roma) ou da ideia de democracia (surgida em Atenas na Grécia antiga) Mas, apesar de muita gente nesses dois países não gostarem muito que se fique mencionando essas outras repúblicas, elas não só existiam como muitas foram sucessos por séculos a fio, mas quase sempre tiveram fins trágicos.

República de Novogorod

Talvez a história mais interessante e impressionante delas seja Novogorod. A Rússia medieval (assim como quase toda a Ásia e leste europeu) foi invadida pelos Mongóis na época de Gengis Khan e Kublai Khan. Acontece que o norte da Rússia conseguiu escapar a invasão e acabou formando uma república (relativamente bem extensa por sinal).

Repúblicas na Idade Média e na Idade Moderna?

A organização deles era bem diferente das nossas modernas. A eleições eram por profissão. Os sapateiros elegiam o "prefeito" dos sapateiros, os padeiros o seu "prefeito" e assim por diante. A união de todos os eleitos por profissão se unia em um conselho para governar a cidade e por sua vez escolhiam um príncipe que comandava o exército e tinha poder até ser destituído pelo conselho (apenas os representantes da igreja não eram eleitos, mas podiam também votar no conselho) Conseguiram assim prosperar economicamente e se defender militarmente por séculos, até que Moscou conseguiu sua independência dos mongóis e acabou conseguindo recapturar Novogorod para o Império russo que estava se formando.

República Holandesa

Pouca gente sabe mas a Holanda (que era parte do "Sacro Império Romano Germânico" dominado pelos reis Espanhóis como Carlos V e Felipe II) após conseguir a sua independência apoiada pela rainha Elisabeth I (em 1588) decidiu adotar um governo republicano e não uma monarquia. E assim ficaram até 1795. E por incrível que pareça o que derrubou a república holandesa foi justamente a França republicana, que em suas expansões acabou incorporando a Holanda através da Revolução Bataviana (claro que ao ser anexada a república francesa ela continuou sendo uma república mas ... com a derrota da França nas guerras napoleônicas a Holanda deixou de ser uma república também)

Antiga República Suíça

Talvez mais impressionante ainda seja saber que por volta de 1380 a Suíça se transformou em uma república. A Europa estava bem dividida nessa época. Em Anos anteriores o rei da França tinha conseguido "capturar" o papa e mudou a sede da Igreja Católica para a cidade francesa de Avignon, e em 1380 o papa da época conseguiu retornar para Roma onde morreu.

Tanto na França como em Roma elege-se papas diferentes, criando o chamado Cisma do Ocidente, dois papas que conseguem alianças de reis opostos e começam uma terrível disputa na Europa que duraria até 1415 mais ou menos.

Aproveitando o seu isolamento físico pela cordilheira dos Alpes a Suíça resolveu radicalizar, derrubou o sistema feudal, negou a autoridade de ambos os papas e criou uma república formada por 28 regiões semi independentes.

Quando a situação da divisão da Igreja estava resolvida os suíços já estavam fortes o suficientes para resistir a tentativas de recaptura e já tinham conseguido criar um avançado sistema econômico que lhes garantiria alianças com grandes famílias burguesas (muitas dessas que por sua vez controlavam também repúblicas nas cidades Italianas, como as Republicas de Florença, Veneza e Gênova).

As Mais Serenas Repúblicas

Tanto Gênova (desde 1100) como Veneza (desde 697) se tornaram repúblicas marítimas e comerciais durante a Idade Média, recebendo o título de "Mais Serenas" ou de "Serena" e "Sereníssima", junto com Florença elas foram a tríada das repúblicas italianas, origem do Renascimento e serão o centro do nascimento do poder bancário e econômico da Idade Média e Moderna.

A Liberdade que eles tinham de representatividade (por mais que há diversos casos de corrupção) e a proteção que elas tinham de perseguições como a inquisição fez com que se tornassem berço de cientistas, pesquisadores e comerciantes. Fácil de perceber que a mesma tendência ocorreu na Holanda e na Suíça (e com facilidade podemos incluir o irmão mais novo delas os Estados Unidos) – Talvez defender a república democrática seja mesmo, desde a Idade Média, sinônimo de garantir progresso econômico, ao contrário do que muitos extremistas hoje no país querem acreditar.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.



Os impactos econômicos causados pela pandemia do Covid-19 afetaram de modo sensível as relações de emprego, impondo, de modo urgente, a criação de uma legislação temporária para preservar a economia e o emprego.

A primeira grande medida foi a MP 927/2020, que teve sua vigência de 22 de março de 2020 até 19 de julho de 2020, que basicamente flexibilizou questões relativas à jornada de trabalho, destacando-se as regras de alteração do contrato de trabalho para o regime do teletrabalho, antecipação das férias e feriados e criação do banco de horas com regras extraordinárias.

Logo após, Medida Provisória 936/2020, posteriormente convertida na Lei 14.020/2020 e reeditada parcialmente na forma da Lei 14.070/2020, instituíram a redução da jornada de trabalho e consequentemente

2020 e o direito do trabalho: um marco de flexibilização

do salário, ou ainda, a suspensão do contrato de trabalho, como forma de mitigar o desemprego, pois foi condicionada ao direito de garantia provisória ao emprego e também acompanhada pela criação do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda pelo Governo Federal, como forma de garantir o suporte financeiro para as empresas e os trabalhadores.

Quando o cenário se acomodar com eventual controle da pandemia, será que essas medidas se tornaram referência para um novo debate acerca dos direitos trabalhistas? Será esse o marco da flexibilização das relações de trabalho no Brasil?

Certo é que algumas alterações caíram no gosto dos empregados como, por exemplo, o trabalho em home office, trabalho em tempo parcial e a variação dos horários de entrada, intervalos e saída adotadas por diversas empresas para evitar aglomerações.

Yolanda Robert — Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.852), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.

Vencedor do Global Teacher Prize partilha US\$ 500 mil com finalistas



Ranjitsinh Disale, professor da Escola Primária Zilla Parishad, Paritewadi, Solapur, Maharashtra, Índia.

Ranjitsinh Disale, professor da Escola Primária Zilla Parishad, Paritewadi, Solapur, Maharashtra, foi anunciado como o vencedor pelo comediante, ator, escritor e apresentador Stephen Fry em uma cerimônia virtual transmitida, no dia 3 de dezembro, do Museu de História Natural de Londres. Em sua sexta edição, o prêmio realizado em parceria com a UNESCO, estabelecido pela Varkey Foundation, é o maior prêmio do segmento educacional do mundo.

Em seu discurso, Disale fez o anúncio extraordinário e inédito na história do Global Teacher Prize, de que dividirá metade do prêmio em dinheiro (US\$ 1 milhão) com os outros nove finalistas. Cada um receberá pouco mais de US\$55.000.

Brasileira entre os finalistas

A professora brasileira Doani Bertan, uma das 10 finalistas, juntamente com o malaio Samuel Isaih, o nigeriano Olasunkanmi Opelifa, o britânico Jamie Frost, o italiano Carlo Mazzone, a sul-africana Mokhudu Cynthia Machaba, a americana Leah Juelke e o sul-coreano Yun Jeong-hyun, expressou sua surpresa e gratidão com o anúncio.

A professora de educação especial e Língua Portuguesa Doani Emanuela Bertan, na EMEF Julio de Mesquita Filho, Escola Pública Municipal de Campinas, São Paulo receberá sua parte do prêmio.

Professores são os verdadeiros agentes de mudança

“Os professores são os verdadeiros agentes de mudança que estão transformando a vida de seus alunos com uma mistura de giz e desafios. Eles sempre acreditam em dar e compartilhar. E, portanto, tenho o prazer de anunciar que compartilharei 50% do prêmio em dinheiro igualmente entre meus outros colegas finalistas para apoiar seu incrível trabalho. Acredito que, juntos, podemos mudar esse mundo, porque compartilhar é crescer”.

Stefania Giannini, Diretora Geral Adjunta da UNESCO para a Educação, parabenizou o ganhador. “É um grande prazer parabenizar Ranjitsinh Disale, de Maharashtra, na Índia, por ganhar. A UNESCO é uma grande parceira do Global Teacher Prize, um prêmio que tem feito muito para evidenciar como os professores transformam as vidas



o anúncio do vencedor do Global Teacher Prize foi feito em um evento virtual transmitido a partir do Museu de História Natural de Londres, na Inglaterra

“Um gesto tão grande mostra ao mundo como Ranjitsinh é uma pessoa exemplar e altruísta. Não poderia haver melhor exemplo para os professores. No ano do COVID-19, que trouxe desafios inimagináveis aos professores de todo o mundo, ele é um símbolo brilhante do incrível trabalho que os professores realizam. É por isso que eu e os outros finalistas temos tanto orgulho de chamá-lo de nosso amigo. Obrigada, Ranjitsinh.”

Disale foi selecionado entre mais de 12.000 nomeações e inscrições de mais de 140 países ao redor do mundo. O Global Teacher Prize foi criado para reconhecer um(a) professor(a) excepcional que tenha feito uma contribuição notável à profissão, bem como para destacar o importante papel que os professores desempenham na sociedade.

dos jovens em toda parte.

“Falo com vocês em um momento crítico para a educação. A pandemia de COVID-19 desferiu um golpe severo sobre os sistemas educacionais em todo o mundo. Mas a crise de aprendizagem não deve se transformar em uma catástrofe de aprendizagem, e é a contribuição dos professores nestes tempos difíceis que está realmente fazendo a diferença. Eu reconheço o seu trabalho árduo e o sacrifício, mas eles precisam de todo o apoio que pudermos lhes dar para que possam ajudar a próxima geração a encontrar o seu caminho em um mundo cada vez mais incerto.

“Professores como Ranjitsinh vão deter as mudanças climáticas e construir sociedades mais pacíficas e justas. Professores como Ranjitsinh vão eliminar as desigualdades e impulsionar o

Prêmio para estudantes

Na cerimônia deste ano, a Varkey Foundation anunciou o lançamento do Cheg.org Global Student Prize, um prêmio de US\$ 50.000, com inscrições e indicações já no próximo ano. O Global Student Prize criará uma nova plataforma poderosa para destacar os esforços de estudantes extraordinários em todo o mundo que estão causando um impacto real na aprendizagem, na vida de seus colegas e na sociedade em geral.

Ao ganhar o Global Teacher Prize 2020, Ranjitsinh anunciou que “a pandemia de COVID-19 expôs a educação e as comunidades que atende de diversas maneiras. Mas, neste momento difícil, os professores estão dando o seu melhor para garantir que todos os alunos tenham acesso ao direito a uma boa educação.

crescimento econômico. Professores como Ranjitsinh vão salvar nosso futuro. Muito obrigado.”

Sunny Varkey, fundador do Global Teacher Prize, ao parabenizar o vencedor, acrescentou, “ao compartilhar o valor do prêmio, você ensina ao mundo a importância de compartilhar. Agora, encorajo você a usar esta plataforma para dar voz a todos os professores. Não há um momento a perder, pois caberá aos jovens encontrar soluções para problemas que seus pais e avós não resolveram, incluindo mudanças climáticas, conflitos e pandemias globais. Devemos equipar os jovens com uma educação que os ajudará a construir um amanhã melhor, e isso sempre começa por escutar os professores.”

Porque ele venceu?

Quando Ranjitsinh chegou à Escola Primária Zilla Parishad, em 2009, a instituição era um prédio dilapidado, espremido entre um estábulo de gado e um depósito. A maioria das meninas vinha de comunidades tribais, onde a frequência escolar às vezes chegava a 2% e o casamento na adolescência era comum. Para aqueles que conseguiram ir à escola, o currículo não estava em sua língua primária (Kannada), deixando muitos alunos incapacitados de aprender.

Tradução dos livros para língua local

Ranjitsinh estava determinado a mudar essa situação, mudando-se para a aldeia e fazendo grandes esforços para aprender a língua local. O professor, então, não apenas traduziu os livros didáticos da classe para a língua materna de seus alunos, mas também incorporou QR codes exclusivos para dar aos alunos acesso a poemas em áudio, aulas em vídeo, histórias e tarefas. Crucialmente, ao analisar suas reflexões, Ranjitsinh mudou o conteúdo, as atividades e as atribuições dos livros didáticos disponibilizados via QR code para criar uma experiência de aprendizagem personalizada para cada aluno.

Além disso, ele atualizou os livros didáticos com QR codes com leitor imersivo e ferramentas Flipgrid para ajudar meninas com necessidades especiais. O impacto das intervenções do professor foi extraordinário: já não há casamentos de adolescentes na aldeia e há 100% de frequência de meninas na escola.

A instituição também foi premiada recentemente como a melhor do distrito,

com 85% de seus alunos obtendo notas máximas em exames anuais. Uma garota da aldeia se formou na universidade, algo visto como um sonho impossível antes da chegada do professor.

Livro didático com QR code

Ranjitsinh então criou nada menos do que uma revolução no uso de livros didáticos com QR codes em toda a Índia. Sua escola foi a primeira no estado de Maharashtra a apresentá-los e, depois de enviar uma proposta e um esquema piloto bem-sucedido, o governo do Estado anunciou, em 2017, que eles introduziriam livros didáticos com QR codes em todo o estado para todas as séries de 1 a 12.

Após o sucesso dessa empreitada, o Ministério Indiano de HRD (Desenvolvimento de Recursos Humanos) pediu ao NCERT (Conselho Nacional de Pesquisa e Treinamento em Educação) para estudar o impacto dos livros didáticos com QR codes e como isso poderia ser ampliado nacionalmente. Em 2018, o Ministro de HRD Prakash Javdekar anunciou que todos os livros didáticos NCERT teriam QR codes incorporados. Além da sala de aula, Ranjitsinh ajuda seus alunos a aplicar o que aprenderam para resolver os problemas do mundo real que estão enfrentando.

Como sua escola está localizada no distrito propenso à seca, agora abordou com sucesso a questão da desertificação, aumentando a área verde de 25% para 33% nos últimos dez anos. Ao todo, 250 hectares de terra ao redor de sua aldeia foram salvos da desertificação, dando à sua escola o prêmio ‘Wipro Nature for Society’ em 2018.

CERTIFICADOS MEC

FAÇA SEU CURSO DE PODOLOGIA

Trabalhe em clínicas médicas, estéticas ou salões de beleza. Rendimentos superiores a R\$ 4 mil/mensais

AGENDE-SE E VEM! Início das aulas 13/10

IREI INSTITUTO REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRADA

www.irei.com.br

47 3422.8906 | 98843.0705
contato@irei.com.br
Rua Otto Boehm, 100 - Américas
CEP 89201-700 - Joinville/SC



Na edição anterior, apresentei as boas ideias da religião. Hoje veremos preceitos negativos da crença, que têm causado ao longo do tempo graves problemas para a humanidade.

1. Obrigação de acreditar. Você pode ser a melhor pessoa do mundo, mas se não crê, vai ter problemas. Em sua essência, grande parte das religiões privilegia mais a crença do que o caráter.

2. Leis sagradas. Atribuir a autoria de uma lei a um deus era comum na Antiguidade, porque dava mais credibilidade. Em nome de um código religioso, pessoas inocentes foram mortas em fogueiras e forcas. Ainda hoje vemos que em certas partes do mundo isso não mudou.

3. Matar em nome de Deus. As Guerras Santas promoveram carnificinas sangrentas justificadas pela crença de que Deus aprecia o sangue derramado em seu nome. O terrorismo religioso atual segue na mesma linha de pensamento.

4. Inferno. A fim de manter seu poder e domínio sobre as massas, os antigos sacerdotes inventaram o inferno, cujo

separa pessoas e causa discórdias.

6. Mutilação genital feminina. Realizada geralmente em meninas entre quatro a doze anos, o objetivo é impedir que, ao crescerem, sintam prazer e se tornem “prostitutas”. A MGF pode trazer problemas físicos e psíquicos para o resto da vida.

7. Em defesa da honra. Costume tribal que se deslocou para algumas religiões. Segundo a ONU, cinco mil meninas e mulheres são mortas todo ano no mundo porque ofenderam a honra de suas famílias, por comportamentos como: ter relação sexual antes de casar, usar roupas inadequadas e adultério.

8. Himenolatria. Entre os bandos primitivos, a virgindade da mulher era moeda de troca. Daí todo rigor para que ela permanecesse virgem até casar. As que se descuidavam, eram expulsas de casa ou mortas. E isso ainda acontece em certos locais do planeta.

9. Misoginia. A legislação de muitas religiões considera a mulher inferior ao homem. Tal fato contribui para que, ain-



lugar receberia aqueles que não pagassem tributos e não se comportassem de acordo com a lei. A crença no inferno pode trazer problemas graves, especialmente de ordem sexual.

5. Povo eleito. A ideia de ser uma nação preferida por Deus surge bem antes do povo bíblico. Sumérios, babilônicos e assírios já se reconheciam como um povo amado por Deus sobre todos os outros. O conceito de povo eleito é arrogante,

da hoje, ela seja desprezada, violentada e assassinada por homens que mantêm o mesmo preconceito dos antigos.

10. Homofobia. No mundo antigo a homossexualidade era aceita ou tolerada na maioria das sociedades. Com o advento do judaísmo, cujos preceitos influenciaram religiões posteriores, os homossexuais foram – e ainda são – discriminados, perseguidos e assassinados em nome da fé.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

PROFESSOR, conte para o JE como está sendo sua experiência de trabalho

Mande seu depoimento ou sugestão de pauta para:

E-mail: jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br
ou (47) 984150630 whatsapp

www.jornaldaeducacao.inf.br

[facebook.com/Jornal da Educação](https://facebook.com/Jornal da Educaçã)



Testagem de assintomáticos mostra aumento de infectados pelo coronavírus na UFPR



Testagem de assintomáticos é voluntária

Curitiba (PR) - Pesquisadores do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) identificaram 2,7% de indivíduos infectados com o novo coronavírus (Sars-CoV-2) no último mutirão para testagem de pessoas assintomáticas. O percentual tem aumentado a cada nova rodada de testes, que estão sendo promovidas periodicamente para professores, alunos, técnicos administrativos e funcionários terceirizados da universidade.

Até o momento, foram realizados quatro mutirões de testagem para assintomáticos. Os dois primeiros eventos, em que poucas pessoas compareceram, não tiveram nenhum caso positivo de infecção pelo vírus. Já nos últimos dois episódios, um número maior de pessoas participou, o que repercutiu no aumento de resultados positivos. A terceira rodada testou 535 indivíduos, dos quais 7 estavam contaminados, e na última, realizada no dia 24 de novembro, dos 1275 testados, 34 apresentavam-se positivos mesmo sem sintomas clássicos da infecção.

A coordenadora da ação, professora Daniela Fiori Gradia, compara os resultados obtidos nos assintomáticos com os dos testes em pessoas que apresentam sintomas, feitos em outro projeto paralelo. “Nos sintomáticos, a taxa de positivos gira em torno de 30%. Nas coletas dos assintomáticos, tivemos 0% nas primeiras avaliações. Esse percentual saltou para 1,3% na terceira coleta e alcançou 2,7% no último mutirão. É uma taxa bastante alta de pessoas que estão contaminadas com o vírus, mas não apresentam nenhum sintoma e podem transmitir para outros indivíduos”.

Os testes

Os testes que estão realizados são do tipo RT-PCR, que detecta o material genético do vírus. Porém o procedimento adotado nesse estudo é o de coleta de saliva e não por meio de swab nasal. “Além do fato de essa técnica não ser tão invasiva, o sistema é de auto coleta por parte dos participantes. Isso diminui muito o risco para a equipe que trabalha no projeto, já que não há contato direto com as secreções dos indivíduos”, explica Daniela.

São agrupadas cinco amostras por vez, no sistema pool, que são submetidas a um único teste simultâneo. Quando o resultado da mistura é negativo, significa que todas as amostras daquele grupo não estão infectadas. Se o resultado for positivo, quer dizer que uma ou mais amostras estão infectadas.

Nesse caso, elas são testadas novamente, de forma individual, para detectar quais são as infectadas. “A proposta tem a finalidade de reduzir custos com insumos e ganhar tempo”, afirma a professora.

Por que testar assintomáticos?

A testagem de assintomáticos possibilita identificar pessoas contaminadas e orientar para o isolamento social, medida que diminui a disseminação do vírus em ambientes que a pessoa continuaria circulando. “Além disso, o sistema estadual de testagem não contempla os indivíduos assintomáticos. Como não há essa identificação, eles não são isolados. Assim, estamos contribuindo para reduzir o número de indivíduos infectados circulando pela cidade”, esclarece Daniela.

O objetivo é manter uma rotina frequente para testar membros da comunidade universitária sem sintomas que estejam transitando pela UFPR. Essa ação permite identificar potenciais transmissores do vírus, promover o isolamento desses indivíduos e testar aqueles que entraram em contato com as pessoas contaminadas.

Estudo

Os testes fazem parte de um estudo, coordenado pelos laboratórios de Imunogenética e Histocompatibilidade (Ligh) e de Citogenética Humana e Oncogenética (LabCho), para identificar indivíduos contaminados e propiciar o isolamento, como medida para evitar propagação da doença e contaminação de outras pessoas. Cerca de 80% da população que é infectada pelo novo coronavírus não apresenta sintomas.

Atualmente, a equipe conta com apenas 12 pessoas. A coordenadora reforça a importância e a necessidade de voluntários nessa ação. “Professores e alunos de pós-graduação voluntários são essenciais principalmente nos momentos anteriores e posteriores à realização do exame, como as etapas de coleta, envio de laudos e orientação aos participantes”.

EDITORA: MARIA GORETI GOMES (JE)
EDITORES CIENTÍFICOS: NORBERTO DALLABRIDA (UDESC)
E DOUGLAS LEUTPREDT (UNISOCIESC)

[www.jornaldaeducacao.inf.br/
edicao-digital](http://www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital)

CADERNO
CIENTÍFICO

Ano II - Número 02 - Setembro de 2019
Periodicidade: Anual

Aguardamos seu artigo para a próxima edição do JECC

Pesquisador, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica, coordenada por Norberto Dallabrida para a 3ª edição da revista científica catarinense da educação - O **Jornal da Educação Caderno Científico - JECC** (JE ISSN 2596-223X).

A Comissão científica emite parecer, orientando os selecionados. Acesse nossa página e saiba todas as regras para envio.

Professores de educação básica devem comprovar vínculo para envio

gratuito de artigos e especialmente de relato de experiências.

Os artigos, em DOC e PDF devem ser encaminhados pelo e-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br.

Maiores informações podem ser obtidas pelo whtas (47)984150630.

As duas primeiras edições do JECC, estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html, sem restrição de acesso.

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.